

Sessenta Anos da Profissão de Psicóloga(o) no Brasil: Percursos e Desafios

Sixty Years of Psychology in Brazil: Paths and Challenges

Sesenta Años de Profesión de Psicóloga/o en Brasil: Trayectoria y Desafíos

Adolfo Pizzinato¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

João Paulo Pereira Barros⁴

⁴Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil.

Ana Paula Porto Noronha²

²Universidade São Francisco, SP, Brasil.

Marcelo Calegare⁵

⁵Universidade Federal do Amazonas, AM, Brasil.

Domenico Uhng Hur³

³Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil.

Neuza Maria Guareschi¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

Neste número especial, alusivo aos sessenta anos da regulamentação da Psicologia como profissão no Brasil, convidamos todas, todos e todes a acompanhar pesquisas, análises e reflexões sobre trajetórias de nossa profissão nesse período. Conforme destacado no edital de convite a esta edição comemorativa, há seis décadas acompanhamos os percursos, percalços, avanços e desafios da Psicologia como ciência e profissão nas suas diferentes áreas de atuação e em diversos setores da sociedade. Cada vez mais, a psicologia brasileira vem conquistando destaque em diversas áreas, especialmente por sua ação técnico-científica e política em diversos campos estratégicos do marco público, tornando-se referência em diferentes políticas sociais, com destaques na assistência, na saúde mental e na avaliação psicológica, por exemplo. A Psicologia brasileira se implica crítica e crescentemente na defesa de direitos humanos, na luta contra opressões étnico-raciais, de gênero e de classe, assim como na garantia de direitos sociais. Notabiliza-se, nesse período, sua atuação nos espaços das políticas públicas, especialmente da saúde, assistência social, mobilidade humana, cultura, educação e segurança.

A proposta deste número especial é, sobretudo, destinada à reflexão quanto a práticas e saberes da Psicologia brasileira, articulando estes campos em uma análise das produções, reflexões e experiências com as perspectivas futuras da profissão no Brasil. Buscamos selecionar, dentre os artigos aqui publicados, aqueles que incluíram essa trajetória de 60 anos e que, a partir desse movimento, trouxeram o processo de produção das práticas psicológicas para o enfrentamento dos desafios atuais e futuros da sociedade.

De uma profissão inicialmente implicada com uma noção de sujeito e de campo prático alinhado com um projeto individualista e liberal, acompanhando as evoluções democráticas da sociedade brasileira, a Psicologia foi não apenas se envolvendo com uma nova perspectiva de sociedade, mas contribuindo ativamente na sua construção. Pode-se dizer que houve uma espécie de “giro político” em nossa ciência e profissão. Quando a psicologia foi regulamentada, estava imbuída de um forte caráter de disciplinarização e normalização, no sentido foucaultiano (Foucault, 1984). Por exemplo, uma de suas funções privativas, prevista na Lei nº 4.119/1962, é a de “solução de problemas de ajustamento”, ou seja, capturar os “desvios” para adaptá-los às normas instituídas. Naquela época ainda havia o imaginário instituído de a Psicologia ser exercício de profissionais liberais.

Contudo, devido aos debates e campanhas fomentados pelo Sistema-Conselhos de Psicologia, em conjunto aos sindicatos de psicólogos a partir do fim da década de 1970, essas concepções começaram a se transformar (Hur, 2012). Também foram vetores importantes dessas transformações os tensionamentos e as problematizações advindas dos movimentos sociais

e das organizações da sociedade civil, que demandavam da psicologia deslocamentos não só políticos e técnicos, mas também teórico-epistêmicos – e, por consequência, metodológicos – com vistas a afirmar seu compromisso social na construção de formas de viver efetivamente democráticas e contra formas de opressão e violência das mais diversas (Barros, Benício, & Bicalho, 2019).

Neste momento dos 60 anos da Psicologia, também se faz importante um exercício de memória para saber que esta tem uma história de muita luta e dedicação, que nos permitiram a conquista de uma sociedade mais democrática. Nesse sentido, o ativismo de psicólogas e psicólogos nos trouxe a possibilidade de visibilizarmos que essas lutas são necessárias, almejando que sejam empreendidas coletivamente e a partir de uma pluralidade de conhecimentos. Daqui em diante, temos de seguir na produção de práticas contextualizadas e potentes, que nos alicercessem diante dos desmontes e desinvestimentos que estamos vivendo na maioria dos setores que trabalham em busca da igualdade social (Marques, Roberto, Gonçalves, & Bernardes, 2019).

Neste início de década, temos vivido em um contexto de ataque à democracia atravessado por disputas e polarização político-partidárias, fanatismo moral-religioso, mentiras propagadas virtualmente como notícias verdadeiras e a adoção de modelos econômico e de desenvolvimento que destroem a natureza e visam ao aumento da riqueza de poucos, desconsiderando as conquistas sociais de anos de luta da sociedade brasileira. Para o enfrentamento dessa situação, é importante a recuperação da memória histórica de lutas de nossa categoria e da prática de classe, como já sugeriu Martín-Baró (2017) e que ainda continua uma recomendação bastante atual.

Os tensionamentos trazidos pelo contexto social desde o surgimento da Psicologia até o presente são necessários tanto em relação às práticas quanto aos referenciais teóricos, para que nos mobilizem não somente como categoria profissional ou campo acadêmico, mas como cidadãos implicados politicamente com o cuidado, com a urgência por condições básicas de vida e, principalmente, contrários às violências e à exposição da vida à morte. Precisamos ter presente o fato de que as desigualdades e as opressões que existem em nossa sociedade não são causadas por apenas um marcador social de diferença, mas nas encruzilhadas de diversas opressões e desigualdades.

As entidades de Psicologia acompanharam o devir transformador dos movimentos históricos pela anistia e pela redemocratização do país (Conselho Regional de Psicologia – 6ª Região, 1994), problematizando a função social e política da profissão, levantando a bandeira do compromisso social da Psicologia para a produção de outros mundos possíveis, que não fossem apenas o da normalização e o das crenças e valores das elites sociais. De uma profissão sobretudo de profissionais liberais, passa-se a debater a psicóloga como trabalhadora sujeita às mesmas vicissitudes da empregabilidade. De uma ciência e profissão comprometida com o status quo, em uma sociedade fundada a partir de uma matriz colonial e patriarcal que se reproduz continuamente, para uma ciência e profissão que se coloca na luta contra o racismo e as opressões de gênero, movimentando-se, para tanto, na direção de escuta de sujeitos, grupos e territorialidades historicamente alvos de práticas de subalternização, efetivando o diálogo com saberes silenciados e apagados.

Outra ocorrência importante a ser lembrada foi a participação institucional ativa dos profissionais de Psicologia com seu saber para a construção do Sistema Único de Saúde, que, por exemplo, iniciou uma trajetória de atividade social intensa na construção de pautas cidadãs e no projeto de uma sociedade mais equânime. Já nos anos 2000, a profissão teve participação protagonista na construção e implantação do Suas (Sistema Único de Assistência Social), que possibilitou uma intensa ampliação do atendimento psicossocial a parcelas da comunidade que não tinham acesso aos serviços psicológicos e, evidentemente, um aumento do mercado de trabalho para psicólogas, além de ter proporcionado novas problematizações na e à própria Psicologia também como campo de produção de conhecimentos (Oliveira, Rodrigues, Battisnelli, & Cruz, 2019).

Entretanto, as transformações da profissão não se restringem à transição de um “setting privado” à atuação nas diversas políticas públicas, e não se limitam ao âmbito das instituições concretas. A reflexão e crítica da Psicologia são radicais e contínuas, a tal ponto que a rotação do “giro político” da Psicologia continua. Começou-se a questionar os próprios fundamentos do “sujeito psicológico”, que grosso modo, é historicamente encarnado no rosto do homem-branco-civilizado de classe média (Deleuze & Guattari, 1996). Dessa forma, nos últimos anos a Psicologia e seu “sujeito” se pluralizam e multiplicam, trazendo

à tona as questões de gênero, da diversidade sexual, das minorias étnicas e raciais, dos povos originários, indígenas e de comunidades rurais e periféricas, visibilizando a problemática da dominação e do conflito de classes sociais. Portanto, nesse “giro político” da Psicologia assume-se uma inédita perspectiva decolonial, em que já estamos muito distantes do afã de solucionar problemas de ajustamento, e mais próximos do objetivo de potencializar as singularidades e diferenças dessas minorias que existem e insistem.

Um movimento importante, nesse sentido, é o de busca por novas epistemologias suleantes pela Psicologia brasileira – expressas por alguns artigos nesta coletânea – pelas quais se reconhece o valor dos saberes e modo de vida dos povos nativo americanos, que têm nos mostrado que apesar da colonização e dominação, houve resistência e consciência de que outra Psicologia e outro mundo são sim possíveis (Romero, Calegare, Gil, & Prieto, 2021). Isso implica, necessariamente, em reconhecer o lugar do sujeito com quem a psicóloga está lidando, que tem origem histórica, condição social, raça-etnia, gênero, idade, classe social, entre outras intersecções que possamos lhes atribuir. A partir desse reconhecimento, é possível gerar novos conhecimentos, teorias e técnicas à Psicologia brasileira.

Neste número especial, apresentamos quinze trabalhos que ilustram essa trajetória e propõem reflexões chave para o panorama atual – suas influências e campos emergentes – entendendo-os como marcos para uma leitura de nossa história, mas sobretudo, posições do presente que lançam pistas para os caminhos possíveis da profissão no futuro. Lançam-se à leitura produções de diferentes campos analíticos, territórios de práticas e afiliações institucionais e geográficas, distribuídos em dois eixos centrais.

O primeiro dos eixos é parte de uma análise mais focada na organização de nosso marco histórico e identitário. Estas propostas se caracterizam por textos que discutem nossa história, nossa crítica à nossa própria profissão e formação, e reflexões sobre campos estratégicos de nossos fazeres na sociedade brasileira, como a clínica, a avaliação psicológica e as análises institucionais.

No segundo eixo, mais dedicado à construção de nossa relação com a sociedade brasileira, os textos refletem o posicionamento da Psicologia brasileira frente a temas como a defesa dos direitos humanos, com ênfase na análise de nossa implicação nas políticas públicas, notadamente nas da infância e juventude, de assistência social, de gênero, sexualidade e saúde reprodutiva, de educação inclusiva e de direitos dos povos indígenas e outros povos tradicionais. Esses artigos retratam pesquisas e problematizações sobre o panorama ético, político, prático e acadêmico desses campos na psicologia brasileira das últimas décadas.

A Comissão Editorial agradece a todas as pessoas que submeteram as mais de noventa propostas para esse número comemorativo. Agradecemos a confiança e esperamos que suas reflexões possam figurar em outros números desta ou de outras publicações, contribuindo para o crescimento de um campo analítico de implicação da profissão – com nossa ciência e nossa sociedade. Além disso, esperamos que este número da *Psicologia: Ciência e Profissão* se some às celebrações pelos sessenta anos da regulamentação de nossa profissão no Brasil como um ponto de reflexão sobre nossos fazeres e saberes, com crítica e esperança no crescimento de uma área e profissão orientada pelo conhecimento, em defesa da cidadania e da dignidade das vidas humanas.

Boa leitura.

Referências

- Barros, J. P. P., Benício, L. F. S., & Bicalho, P. P. G. (2019). Violências no Brasil: Que problemas e desafios se colocam à psicologia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe 2), 33-44. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225580>
- Conselho Regional de Psicologia 6ª região. (1994). *Uma profissão chamada psicologia: CRP-06, 20 anos*. Conselho Regional de Psicologia 6ª Região.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia vol. 3*. Editora 34.
- Foucault, M. (1984). *Vigiar e punir*. Vozes.
- Hur, D. U. (2012). Políticas da psicologia: Histórias e práticas das associações profissionais (CRP e SPESP) de São Paulo, entre a ditadura e a redemocratização do país. *Psicologia USP*, 23(1), 69-90. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000100004>

- Marques, C. F., Roberto, N. L. B., Gonçalves, H. S., & Bernardes, A. G. (2019). O que significa o desmonte? Desmonte do que e para quem? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe2), 6-18. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225552>
- Martín-Baró, I. (2017). O latino indolente: Caráter ideológico do fatalismo latino-americano. In I. Martín-Baró, *Crítica e libertação na psicologia: Estudos psicossociais* (pp. 173-203). Vozes.
- Oliveira, E. C. S., Rodrigues, L., Battisnelli, B. M., & Cruz, L. R. (2019). Raça e política de assistência social: Produção de conhecimento em psicologia social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe2), 141-152. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225556>
- Romero, L. E. L., Calegare, M., Gil, P. A. P., & Prieto, R. S. (2021). Veredas hacia las psicologías ancestrales nativoamericanas. In M. Calegare, R. S. Prieto, P. A. P. Gil, & L. E. L. Romero (Orgs.), *Por los caminos de las psicologías ancestrales nativoamericanas vol. 1: Teoría, avances epistémicos y praxis comunales* (pp. 27-49). EDUA; Alexa Cultural.
-

Adolfo Pizzinato

Docente e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS. Brasil.

E-mail: adolfofizzinato@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-1777-5860>

Ana Paula Porto Noronha

Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco (USF), Campinas – SP. Brasil.

E-mail: ana.noronha8@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-6821-0299>

Domenico Uhng Hur

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – GO. Brasil.

E-mail: domenicohur@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6766-7024>

João Paulo Pereira Barros

Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE. Brasil.

E-mail: joaopaulobarros07@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7680-576X>

Marcelo Calegare

Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus – AM. Brasil.

E-mail: mcalegare@ufam.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6814-5300>

Neuza Maria Guareschi

Psicóloga. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Rio Grande do Sul - RS. Brasil.

E-mail: nmguares@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5892-188X>

Endereço para envio de correspondência:

Universidade Federal do Amazonas. Av. Gen. Rodrigo Octávio, 6.200, Faculdade de Psicologia, Setor Sul, Coroado I. CEP: 69080-900. Manaus – AM. Brasil.

Recebido 06/06/2022

Aceito 06/06/2022

Received 06/06/2022

Approved 06/06/2022

Recibido 06/06/2022

Aceptado 06/06/2022

Como citar: Pizzinato, A., Noronha, A. P. P., Hur, D. U., Barros, J. P., Calegare, M., & Guareschi, N. M. (2022). Sessenta anos da profissão de psicóloga(o) no Brasil: percursos e desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (n.spe), 1-5.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003264734>

How to cite: Pizzinato, A., Noronha, A. P. P., Hur, D. U., Barros, J. P., Calegare, M., & Guareschi, N. M. (2022). Sixty years of psychology in Brazil: Paths and challenges. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (n.spe), 1-5.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003264734>

Cómo citar: Pizzinato, A., Noronha, A. P. P., Hur, D. U., Barros, J. P., Calegare, M., & Guareschi, N. M. (2022). Sesenta años de profesión de psicóloga/o en Brasil: Trayectoria y desafíos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42 (n.spe), 1-5.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003264734>